

# Corpo, repressão e sexualidade: a literatura como espaço de transgressão

José Aparecido Oliveira

## **Resumo**

*Este trabalho realiza um breve percurso histórico sobre as ancestrais tradições literárias que atuam como discurso fundante da longa história de repressão sexual, no ocidente, para se compreender a literatura homoerótica como espaço de contestação e realocação das sexualidades dissidentes. A partir das sutis manifestações do homoerotismo gótico, percebe-se a emergência de uma literatura gay, notadamente marginal nos círculos literários, bem como da ampliação da temática homoafetiva na ficção televisiva e mais recentemente na publicidade, fruto do engajamento, conforme questões identitárias, de profissionais ligados à literatura e à teledramaturgia.*

**Palavras-chave:** *Literatura. Sexualidade. Homoerotismo. Ficção televisiva.*

---



## Introdução

A matriz judaico-cristã da civilização ocidental construiu uma visão deformada da sexualidade humana. É o que se conclui quando se percebe a moral cristã como um divisor de águas na compreensão daquilo que seja moralmente aceitável para a vivência e expressão da sexualidade, sobretudo quando se trata de analisar a construção discursiva que relegou a homoafetividade ao silêncio e à condenação. Historiadores e pesquisadores (GREENBERG, 1988, p. 1-21) ressaltam que a homoafetividade raras vezes foi objeto de desaprovação social, legal, moral ou religiosa ao longo da história.

Comum em diversas tribos pré-históricas, a prática homossexual possui registros entre os egípcios, os gregos, os persas, os romanos e os indianos. Na cultura judaica iniciam-se os poucos registros de sua condenação, que depois veio a ser fundamento para a visão cristã, o que demonstra certa aceitação desse comportamento antes da imposição das normas sexuais judaicas, cristãs e islâmicas (NAPHY, 2006, p. 16). Em contraste com o moralismo ocidental, os povos orientais possuíam uma *ars erótica* (FOUCAULT, 1988, p. 57), na qual o prazer era tido em toda sua intensidade e força mística. Tomemos como exemplo obras repletas de conteúdos eróticos como *As Mil e uma Noites*; *Cantares de Salomão* e *Kama Sutra*. Em suas respectivas civilizações de origem não se percebe a reprovação moral comum no Ocidente.

Nos registros da religiosidade indiana, os deuses tinham relações sexuais com vários indivíduos de ambos os sexos, assim como na cultura chinesa, em que o sexo não era associado apenas aos fins de procriação (NAPHY, 2006, p. 30-33). Entre os gregos, a prática homossexual ocorria entre os soldados e também na educação de jovens, conhecida como pederastia – este termo ganhou forte carga pejorativa a partir da moral judaico-cristã. Para Sócrates (469-399), o sexo entre homens e mulheres tinha a única função de procriação, enquanto as relações homoafetivas deveriam ser preservadas na cultura grega. Estas relações baseavam-se na amizade e nos laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos filosóficos (WILLIAMS, 1999).

A condenação da prática homossexual acentua-se no conflito da moral judaica com a visão helênica. Ela também segue a visão deturpada e repressora da sexualidade humana a partir do dualismo de Platão, absorvido pelo cristianismo e responsável por uma longa história de repressão da sexualidade. Duas ancestrais tradições literárias nos auxiliam a compreender o discurso fundante que se cristalizou no ocidente para marginalizar as relações sexuais fora do modelo familiar reprodutivo e heterossexual. A primeira tradição está nas narrativas dos heróis: as narrativas míticas do *Gênesis* e a Mitologia Grega (OLIVEIRA, 2014, p. 185-186). Começamos com o texto hebraico em *Gênesis* 6.1-2,4:

Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram.

Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando

os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

No caso da Mitologia Grega, os heróis são filhos da relação entre deuses e humanos. Um deles é Teseu, herói ateniense que, em algumas versões do mito, nasceu após o deus Poseidon violentar sua mãe Etra, esposa de Egeu, na mesma noite em que ela o conheceu (COMTE, 1994, p. 34). Mas é Hércules (ou Héracles), filho de Zeus e da mortal Alcmena, esposa de Anfitrião, o maior de todos os heróis gregos. Para seduzi-la, Zeus assumiu a forma de Anfitrião enquanto este estava fora. Aqui o erotismo associa-se a uma espécie de amor idealizado. Para que um deus viesse a desejar um ser humano, é porque esse possuía atributos de beleza e sensualidade capazes de atrair os seres celestes. Uma noção sobre o amor e o sexo muito diferente daquela que a moral cristã cunhou no ocidente.

Nas duas narrativas míticas está a noção de que os heróis, notáveis por seus feitos, são provenientes de relações entre deuses e seres humanos, sem o consentimento dos últimos. É justamente esse caráter de tentação, de queda do divino ante os atributos sensuais do humano que a narrativa bíblica associa os “valentes famosos da antiguidade” às violações das mortais por seres divinos. O texto hebraico, seguramente dependente das tradições míticas ancestrais que valorizavam o arquétipo do herói nas mitologias gregas, conserva o aspecto mitológico, mas confere-lhe uma condenação moral nos versos seguintes de *Gênesis* 6.5: “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado” (BÍBLIA SAGRADA, 1993). O dilúvio teria sido o castigo por essa tentação, antecipando um juízo moral sobre um padrão de relações consideradas desviantes pela moral judaica.

A partir de *O livro dos vigilantes*, obra apócrifa famosa e influente, sobretudo entre os cristãos, presente na versão mais antiga em 1 Enoque 6-11, também atestada em manuscritos aramaicos de Qumran (4QEnoque Aramaico), foi introduzida a noção da cisão no céu com o mito sobre anjos vigilantes que perderam sua glória por causa do desejo carnal, gerando os gigantes conhecidos como *nephilim* (decaídos), que incitam a violência, a cobiça e a luxúria (LAZARINI NETO, 2006, p. 7).

É perceptível, a partir da comparação entre estes dois conjuntos discursivos, a reprovação moral com que a cultura judaica faz do padrão de relações sexuais compartilhado pelos gregos, o que reforça a compreensão de que a homoafetividade, prestigiada entre os helênicos, terá igual desaprovação nos escritos do Antigo Testamento. A partir de então, ter desejo sexual que não estivesse dentro dos padrões reprodutivos, familiares e heteronormativos, passou a significar estar possuído por visões, memórias, e desejos próprios de pessoas que foram tomadas por seres decaídos – construindo assim a noção de “queda”. Com a condenação da moral judaica sobre o imaginário erótico divinizado, resta-nos perguntar sobre como a sexualidade foi vista na civilização ocidental. Será a partir de uma visão sobre a filosofia de Platão que o cristianismo terá

sua segunda tradição discursiva para alicerçar seu conteúdo moral a respeito do corpo e da sexualidade.

## **O dualismo corpo-consciência**

A história de preconceito, repressão, sofrimento físico e psíquico ligado à sexualidade no mundo ocidental tem forte ligação com dicotomia corpo-consciência de Platão. No pensamento grego havia a tendência de explicar o ser humano não como unidade integral, mas composto por duas partes diferentes e separadas: o corpo (material) e a alma (espiritual e consciente). Não era do corpo que a Filosofia se ocupava, mas do espírito e de sua superioridade em relação ao corpo. É o dualismo psicofísico, ou seja, a dupla realidade da consciência separada do corpo (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 311).

A dicotomia corpo-consciência já aparece no pensamento grego no séc. V a.C. com Platão. Para ele, a alma, antes de se encarnar, teria vivido a contemplação do mundo das ideias, onde tudo conheceu por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar dos sentidos. Quando – por necessidade natural ou expiação de culpa – a alma se une ao corpo, ela se degrada, pois se torna prisioneira dele. A alma humana passa então a se compor de duas partes, uma superior (a alma intelectual) e outra inferior (a alma do corpo). Esta última é irracional e se acha dividida em duas partes: a irascível, impulsiva, localizada no peito; e a concupiscível, localizada no ventre e voltada para os desejos de bens materiais e apetite sexual (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 311).

Essa noção influenciará profundamente os escritos do apóstolo São Paulo, que também vê o corpo como ocasião de corrupção e decadência moral, caso a alma (espírito) superior não controle as paixões e os desejos. Com a visão platônico-cristã que separa o amor espiritual do amor carnal, ligando o sexo ao pecado, a não ser pela finalidade da reprodução, surge o ascetismo dos monges na Idade Média, que impunha flagelos e abstinências como forma de controlar o desejo.

A Reforma Protestante também seguiu a visão do prazer como perigo, que devia ser contido por meio dos ideais ascéticos, sendo o trabalho um meio de purificação e possibilidade de se evitar pensar e estimular desejos. Com a emergência da moral burguesa, o corpo também foi controlado pelo trabalho, constituindo um processo de “dessexualização e deserotização do corpo” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 326). Assim o capitalismo também segue na esteira da repressão sexual para regular os corpos para produzir conforme os interesses hegemônicos.

## **A repressão homossexual**

Nessa trajetória de repressão, a homoafetividade e a sexualidade feminina foram fortemente reprimidas e silenciadas. A homoafetividade foi ainda mais vitimada pelo preconceito, pois não seguia os padrões reprodutivos, familiares ou heteronormativos. Daí sua condição de quase invisibilidade ao longo da história ocidental – a Igreja condenava as práticas que nem

sequer poderiam ser nomeadas, pois desde o século XII, qualquer relação sexual não procriadora implicava a acusação de “comportamento animal” (NAPHY, 2006, p. 75).

No século XIV, os homossexuais e adúlteros eram condenados à morte, pois foram vistos, junto com judeus e hereges, como responsáveis pelo castigo trazido pela Peste Negra que dizimou milhares de pessoas na Europa (NAPHY, 2006, p. 105). Na Inglaterra a força persistiu até o século XIX para punir relações homossexuais, sendo que, em 1895, o escritor irlandês Oscar Wilde foi condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados pelo delito do *amor que não ousa dizer o nome*. No Brasil, índios, escravos e luso-brasileiros de comportamento homossexual foram alvo não só do Tribunal da Inquisição (1536-1821), mas também da forte repressão local.

Essa dupla repressão – da moral cristã e depois do capitalismo – foi vista como a “hipótese repressiva” – a sociedade vive, desde o séc. XVIII, uma fase ainda maior de repressão sexual. Nessa fase, o sexo se reduz à sua função reprodutora e o casal passa a ser o “modelo”. O que sobra torna-se “amor mal” – expulso, negado e reduzido ao silêncio.

Contrário a essa hipótese, Foucault afirma que desde o séc. XVIII o que ocorreu não foi repressão, mas uma espécie de ampliação discursiva sobre “as sexualidades periféricas” (1988). Em vez do silêncio da repressão, detalhes dessas sexualidades não conjugais, não reprodutivas, não heterossexuais foram classificadas a partir do confessionário cristão, e depois encerradas na educação familiar, na pedagogia das escolas, nas clínicas, nos hospitais, com o objetivo não de reprimir, mas de regulá-lo, conforme disciplina e controle internos sobre o indivíduo.

[...] que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo (FOUCAULT, 1988, p. 26).

A proliferação de discursos sobre o sexo criou mecanismos de poder para seu deslocamento e controle. A sexualidade feminina e infantil, depois de reconhecidas, foram reprimidas. Mulheres que queriam sentir prazer foram rotuladas como anormais, histéricas. Era necessário desencorajar essas condutas, vistas como contrárias à natureza. Daí que o sexo deveria se circunscrever ao casamento, sendo a contracepção desencorajada (GIDDENS, 1993, p. 31). Vista como um campo de poder, a sexualidade foi circunscrita aos dispositivos de controle sobre os desejos que atuavam como mecanismos não apenas de repressão, mas de coerção sobre comportamentos para atender interesses estatais. Toda essa regulação e deslocamento compunha o processo de formação dos estados modernos, interessados num controle biopolítico da população,

mediante a domesticação do corpo e do prazer (FOUCAULT, 1988). A segregação da homoafetividade, conforme essa estratégia de poder, corresponderia à normatização de uma identidade fixada, que deveria expurgar tudo aquilo que fosse considerado desviante.

A sodomia [...] era um tipo de ato interdito e ao autor não era mais que seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é escapa a sua sexualidade. Ela está presente em todo o seu ser: subjacente em todas as suas condutas, posto que constitui seu princípio insidioso e indefinidamente ativo; inscrita sem pudor em seu rosto e seu corpo porque consiste em um segredo que sempre se trai [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi rebaixada da prática da sodomia a uma sorte de androginia interior, de hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, o homossexual é, agora, uma espécie (FOUCAULT, 1988, p. 43-44).

A regulação sexual mediante o discurso na civilização ocidental perderia espaço com os movimentos de emancipação da mulher e a revolução sexual na década de 1960, caracterizando o que Giddens chama de transformações na sexualidade e intimidade (1993). A mulher obteve um papel fundamental nessa transformação ao alcançar maior acessibilidade do ponto de vista sexual, pois “deixaram de ser tolerantes perante a perspectiva de que se devem comportar de maneira diferente dos homens” (GIDDENS, 1993, p. 22).

Concentro-me em uma ordem emocional em que as mulheres – as mulheres comuns, que tratam de suas vidas cotidianas, e também os grupos conscientes feministas – foram pioneiras em mudanças de grande importância (GIDDENS, 1993, p.10).

Essa transformação pode ser vista também como uma transgressão silenciosa, mas deslocadora para reconstruir novas posturas que pudessem colocar não apenas uma nova conduta sexual para as mulheres, mas também a possibilidade de recolocar a temática da homoafetividade frente às suas interfaces com a política, a moral, a religião, a literatura e o poder hegemônico. Não apenas as mulheres querem ter direito ao prazer, à escolha do parceiro e à possibilidade de vivência do amor romântico. Homossexuais também buscam emergir de sua condição marginal, de seu estigma bestial, do silêncio imposto aos seus afetos e desejos. Querem sair do anonimato e da invisibilidade a que foram submetidos – ou da condição de aberração e anormalidade – para obter o direito de manifestar publicamente sua condição, trocar carícias e ocupar os espaços tal como os demais indivíduos.

## Homoerotismo e contestação

É com essa perspectiva que percebemos que a multiplicação dos discursos engendra, posiciona, marginaliza, mas, em outro sentido, também abre portas para construir possibilidades e novos realocamentos de aceitação da condição homossexual, sobretudo a partir da literatura, da mídia e, mas recentemente, da publicidade.<sup>1</sup>

Não somente assistimos a uma explosão visível de sexualidades heréticas, mas, sobretudo – e esse é o ponto mais importante – a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que ele se apoie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos a multiplicação de sexualidades disparatadas (FOUCAULT, 1988. p. 48).

Giddens também observa o florescimento da homossexualidade, masculina e feminina como outro elemento do livre-arbítrio sexual nessa criação da sexualidade plástica, vista aqui como um elemento transgressor do cotidiano. Para ele, as consequências para a sexualidade masculina são profundas e trata-se muito mais de uma revolução inacabada, gerando um novo campo sexual além do “ortodoxo” (GIDDENS, p. 38), o que nos ajuda a compreender a atitude reacionária por parte de segmentos conservadores.

A emergência do que eu chamo de sexualidade plástica é crucial para a emancipação implícita no relacionamento puro, assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. A sexualidade plástica é a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Tem as suas origens na tendência, iniciada no final do século XVIII, à limitação rigorosa da dimensão da família; mas torna-se mais tarde mais desenvolvida como resultado da difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. A sexualidade plástica pode ser caracterizada como um traço da personalidade e, desse modo, está intrinsecamente vinculada ao eu. Ao mesmo tempo, em princípio, liberta a sexualidade da regra do falo, da importância jactanciosa da experiência sexual masculina (GIDDENS, 1993, p. 10; 38).

Relegada ao silêncio, duramente reprimida com violência, a homoafetividade transitou de forma marginal, sobrevivendo à invisibilidade. Com a multiplicação do discurso que operou um deslocamento dessa conduta (FOUCAULT, 1988), a homoafetividade teve que buscar alternativas para sua ex-

<sup>1</sup> Após a ampliação da questão homossexual pela ficção televisiva no Brasil, assiste-se agora a adoção de publicidade voltada para o *Pink Money*. Os exemplos são a campanha para o Dia dos Namorados do perfume *Egeo* do Boticário e o vídeo do bombom *Sonho de Valsa*. O primeiro já teve mais de três milhões de visualizações no Youtube. O segundo apresentou um beijo gay nas redes sociais, deixando uma versão cortada para a televisão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p4b8BMnolDI&feature=youtu.be>> Acesso em: 19 de dez. de 2018.

pressão. Apesar da forte repressão e condenação da sexualidade pela moral cristã, não cessou de haver no imaginário ocidental expressões culturais que lhe dessem suporte ou mesmo pudessem atuar como um viés de contestação, gerando assim uma literatura marginal, porém transgressora.

Enquanto a visão cristã reprimia a sensualidade, tida como a causa da queda dos anjos, não cessaram as possibilidades de alimentar as fantasias deste imaginário erótico, espécie de idealização de um amor estigmatizado. Inicialmente, a literatura foi o principal espaço para essa contestação, seguido recentemente do teatro, cinema e da ficção televisiva. Ainda que centrados primeiramente no vazio e na solidão dos sujeitos homossexuais, na recorrente experiência de amores impossíveis, com finais trágicos sobre suicídios e assassinatos, estas obras literárias tornaram-se espaço de reinvenção e (re)centramento dessas subjetividades.

Uma das primeiras referências à homoafetividade na literatura no ocidente está no romance gótico inicial, que marcava a paranoia de violência que assombrava homens e mulheres cujo desejo destoava da moral vigente. Esse gênero literário também pode ser visto por um erotismo contestatório à repressão sexual, pois recupera o aspecto místico da união entre humanos e decaídos, entre vampiros, monstros e os “desafortunados” que lhes atraiu. Esse amor místico do imaginário gótico atuava como válvula de escape para sentimentos e desejos reprimidos socialmente. Em uma sociedade conservadora e repressora, não haveria outra forma de representar práticas sexuais discriminadas e demonizadas não fosse a literatura gótica.

Mesclado com elementos do sobrenatural, o tom notívago e vampiresco, alguns textos como *A noiva de Corinto*, escrito por Goethe em 1797, trouxeram as primeiras referências a vampiros do sexo feminino na literatura. Já *Carmilla*, de Joseph Sheridan Le Fanu, teve viés lésbico, seguido de *Drácula* (1897), de Bram Stoker. Frankenstein, cuja autoria é atribuída a Mary Shelley em 1818, refere-se ao médico atormentado pelo medo da violência contra homossexuais (MISKOLCI, 2011, p. 307), personificada na sua criatura que lhe persegue: “*I shall be with you on your wedding night*”.<sup>2</sup>

As referências à homoafetividade nessas obras são frequentes, embora ainda sutis. Frankenstein tem início com uma carta do navegador inglês Walton, descrevendo à irmã a intenção de chegar ao Polo Norte:

[...] na companhia de um homem que simpatizasse comigo; cujos olhos respondessem aos meus. Você pode me chamar de romântico, minha irmã, mas eu amargamente sinto o desejo de um amigo (2004, p. 20).

Esse amigo teria sido o médico Frankenstein, resgatado por Walton. Frankenstein desilude Walton, afirmando que tivera no passado essa espécie de amigo (sentimento), embora o tivesse perdido.

Esses textos da literatura gótica são os inspiradores de autores contemporâ-

2 Estarei com você em sua noite de núpcias.

neos como Laurell Hamilton, com a série *Anita Blake: caçadora de vampiros*; *Crônicas vampirescas*, de Anne Rice e Stephanie Meyer, com a saga *Crepúsculo*, dentre outros, cujas adaptações cinematográficas acompanham o mesmo sucesso das edições impressas. Parece-nos que o diferencial dos romances contemporâneos, que alcançam bilhões em bilheterias e vendas de livros, é justamente a ênfase maior no aspecto erótico-romântico em detrimento do sobrenatural-terror daqueles que os precederam, já que são redigidos em uma época de melhor aceitação da homoafetividade.

Fora do gênero gótico e no âmbito da literatura brasileira, o romance erótico surge em obras como *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha – considerado o primeiro romance homoerótico no Brasil, *Pílades e Orestes* (1906), de Machado de Assis, *Frederico Paciência* (1947), de Mário de Andrade, e *O menino do Gouveia*, de Capadócio Maluco. Estas obras conviveram com a marginalidade da questão homoafetiva, pois não tiveram, nem na época, nem algum tempo depois, a devida discussão em função do interesse para a sociedade (SILVA; FERNANDES, 2011, p. 135).

Mas a emergência da condição de marginalidade coincide com a revolução sexual dos anos 1960-1970. Autores como Cassandra Rios e Caio Fernando Abreu, em pleno auge da ditadura militar, irão influenciar uma nova geração de escritores, capazes de não apenas questionar o padrão heteronormativo, mas também recolocar sujeitos, desejos e paixões homoafetivas para construir novas subjetividades.<sup>3</sup> Trata-se agora de um gênero específico no campo da literatura, que condensa não apenas elementos estético-literários próprios, mas também político-ideológicos. Também se constitui numa ruptura ao padrão vigente da crítica literária tradicional por trazer representações da homoafetividade, tidas anteriormente como pornografia, pois, restringia-se a indivíduos vistos como efeminados, bestiais, sodomitas, invertidos, pederastas, assombrados pelo mal, aberrações contra a natureza. Alguns pesquisadores chegam a entender a literatura gay como uma crítica da cultura (SILVA; FERNANDES, 2011, p. 130). A representação deste homoerotismo daria voz a sujeitos de uma subcultura que reivindicam lugar em uma sociedade que não lhes assegurou direitos.

Críticos e pesquisadores do campo das Letras (SILVA, FERNANDES, 2011; SOUZA JÚNIOR, 2002) conferem à literatura homoerótica um espaço privilegiado para a representação da identidade homoafetiva, no qual os sujeitos homossexuais têm ali um universo próprio para se identificarem com as variadas e multifacetadas expressões da homoafetividade. Assim como a literatura produzida por mulheres só foi reconhecida a partir do séc. XIX, o mesmo ocorre nos últimos anos com a literatura de temática gay. O cânon literário, de tradição patriarcal e eurocêntrica, cede espaço, mesmo que limitado, para as novas formas literárias que garantam identidade e representação de minorias.

Campo fértil para os estudos culturais, a literatura gay transita entre aquilo

3 Destacam-se autores como João Silvério Trevisan, João Gilberto Noll, Giselda Laporta Nicolletti, Silvano Santiago, Marilene Godinho, Edson Gabriel, Antonio Gil Neto, Léo Dragone, Luís Capucho, Aguinaldo Silva, Gasparino da Mata, Ricardo Thomé, Jean-Claude Bernadet, Zeilton Alves Feitosa, Marcos Lacerda, Nelson Luiz de Carvalho, dentre outros.

que a moral designa pornográfico e o erotismo poetizado. Tais obras acenam para novas formas de representar as dimensões das sexualidades, ao mesmo tempo em que transgridem com as rotulações, os procedimentos discriminatórios, excludentes e heteronormativos no mundo ocidental. Trata-se de uma literatura transgressora, capaz de fixar espaços antes reclusos, de dar voz a sujeitos silenciados e ressignificar, junto com o teatro, cinema e a ficção televisiva (seriados e teledramaturgia) – os desejos, expressões e sexualidade dos homossexuais, o que constitui uma “reflexividade das práticas sexuais habituais, cotidianas” (GIDDENS, 1993, p. 40).

### Considerações finais

Parece-nos plausível elencar todas essas manifestações culturais ao longo da história como um viés de contestação, ainda que lento ou marginalizado. Enquanto a moral ocidental condenava e deslocava toda sexualidade além dos limites da reprodução, associando-a à queda dos seres divinos ou bestializando-a, não cessaram as possibilidades de alimentar esse imaginário erótico homoafetivo, espécie de idealização e exteriorização amorosa.

No caso de teledramaturgia brasileira, integrante juntamente com a literatura homoerótica de um universo no qual se amplia a discussão por espaço e representação dos direitos dos homossexuais, ocorre um constante movimento de transformação da representação dos personagens gays. Não apenas se humanizam, com novas subjetividades, mas também proliferam o número de personagens, chegando a serem protagonistas em algumas tramas. Bem mais acessível ao grande público que o livro, teatro e cinema, a telenovela no Brasil contribui ainda mais com possibilidades discursivas reconstituintes de uma expressão de amor silenciada, castigada, reprimida, deslocada ao segredo, ao mistério, ao não lugar, bestializada.

Concordamos com Giddens sobre a recusa de ver certas manifestações culturais de forma pejorativa, a exemplo do escândalo que a obra *Emma Bovary* causou quando publicada em 1857, por Flaubert.

O consumo ávido de novelas e histórias românticas não era em qualquer sentido um testemunho de passividade. O indivíduo buscava no êxtase o que lhe era negado no mundo comum. Vista deste ângulo, a realidade das histórias românticas era uma expressão de fraqueza, uma incapacidade de se chegar a um acordo com a auto identidade frustrada na vida social real. Mas a literatura romântica era (e ainda é hoje) também uma literatura de esperança, uma espécie de recusa. Frequentemente rejeitava a ideia da domesticidade estabelecida como o único ideal proeminente (GIDDENS, 1993, p. 55).

Entendemos a partir da noção de cotidiano, que a representação da sexualidade em todas essas expressões culturais, principalmente na literatura e na ficção televisiva, pode ser compreendida como uma ruptura, uma forma de contestação da moral e repressão vigentes na história da civilização cristã. Essa

marginalidade da sexualidade ali representada, reprimida no campo social e demonizada enquanto representação cultural, remete-nos ao entendimento das instâncias do cotidiano, capazes de irromper com a aparente inércia do real.

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer história. É a verdadeira essência da substância social... As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade (HELLER, 2000, p. 34).

Essa hipótese se apoia nos movimentos, lentos, porém constantes, das ditas “transgressões” percebidas não apenas nos comportamentos tidos como desviantes ou nos ecos que reverberam em algumas manifestações culturais, tais como o erotismo nas artes plásticas e na literatura. É justamente essa atuação, tanto nas práticas quanto nas manifestações culturais, que apontam o caráter transgressor de uma sexualidade reprimida, porém não abafada. Logo, o fazer marginal destes “atores bêbados, poetas, prostitutas, vagabundos, que dominam os signos escondidos na arquitetura do banal” (PEREIRA, 2007, p. 68), apontam para um novo olhar do pesquisador das ciências sociais.

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos, utilizar na arena intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e de agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFFESOLI, 1995, p. 64).

Esses “heróis anônimos do cotidiano” (CERTEAU, 1994), imersos em suas práticas rotineiras, potencializam as possibilidades de transformação, além de nos auxiliarem a compreender como essas forças se interagem na capilaridade social, pois “o cotidiano de cada um se enriquece pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro” (SANTOS, 2004, p. 173).

As formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras são a arte e a ciência”... “o reflexo artístico e o reflexo científico rompem com a tendência espontânea do pensamento cotidiano, tendência orientada ao Eu individual-particular. A arte realiza tal processo porque, graças à sua essência, é autoconsciência e memória da humanidade;... na medida em que desantropocentriza (ou seja) deixa de lado a teologia referida ao homem singular) (HELLER, 2000, p. 43).

Há um viés de contestação e provocação também na ficção televisiva. É parte justamente de uma transgressão, apelativa talvez, mas busca realçar possibilidades de uma sexualidade cujo comportamento fora dos padrões de reprodução sempre foi considerada marginal, reprimida e manipulada. Desde os sussurros iniciais da literatura, do teatro, do cinema e, mais recentemente a ficção televisiva, as linguagens e a representação incômoda da homoafetividade chegam até milhares de pessoas, diariamente. Com a ficção televisiva, principalmente a telenovela, desmistifica-se a visão demoníaca e bestial da homoafetividade, seus sujeitos saem dos guetos, dos prostíbulos, dos infernos pornográficos, das clínicas e sanatórios, dos confessionários e do não lugar a que estavam relegados. O padrão de representação pode estar longe do que realmente sejam os homossexuais, restritos a condutas introspectivas, relacionamentos furtivos e sutis, tal como nas primeiras obras literárias de caráter homoerótico. Todavia, a ficção televisiva, por seu caráter folhetinesco, foge um pouco ao padrão de:

[...] histórias pessimistas, de amores impossíveis que terminam de forma trágica, refletindo assim as autoras sobre a impossibilidade de levar normalmente uma relação lésbica (SIMONIS, 2007, p. 107-140, tradução nossa).

Com personagens refinados, bem sucedidos financeiramente e proeminentes, tem-se a impressão de fantasiar a homoafetividade. Todavia, a ficção televisiva auxilia a recentrar, pela constante exposição, esses indivíduos, reolocando essas subjetividades novamente, transgredindo possibilidades e, junto com as demais expressões culturais, participando também na luta por emancipação de sua condição homossexual ao ampliar um debate restrito antes aos círculos próprios da cultura gay. Não sem reações, não sem violência, não sem o levante conservador de diversos setores na sociedade. Só que estas transformações vão se estender continuamente até que todos se reconheçam, na vida e na ficção, como parte do mesmo todo.

---

***Body, repression and sexuality: literature as a space of transgression***

***Abstract***

*This work makes a brief historical passage regarding the ancestral literary traditions that act as a founding discourse of the long history of sexual repression in the West to understand the homoerotic literature as a space for contestation and reallocation of dissident sexualities. From the subtle manifestations of Gothic homoeroticism, one can see the emergence of a gay literature, especially marginal in literary circles, as well as the extension of the homoaffective theme in television fiction and more recently in advertising, as a result of the engage-*

*ment, according to identity issues of literature and soap opera professionals.*  
**Keywords:** *Literature. Sexuality. Homoeroticism. Television fiction.*

---

## Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Lopes. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. A. T. **Gênesis.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

NAPHY, W. **Born to be gay:** história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I:** as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COMTE, Fernand. **Os heróis míticos e o homem de hoje.** São Paulo: Loyola, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GREENBERG, David A. **The construction of homosexuality.** Chicago: University of Chicago Press, 1988.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LAZARINI NETO, Antonio. O mal: transformações do conceito na tradição judaico-cristã. **Revista Theos**, 2. ed. 2006. Disponível em: <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo\\_02\\_03.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_02_03.pdf)>. Acesso em: 20/08/2013.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Arte Ofícios, 1995.

MISKOLCI, Richard. Frankenstein e o espectro do desejo. **Cad. Pagu**, Campinas, nº 37, Dec. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332011000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20/08/2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200013>.

OLIVEIRA, José Aparecido. Narrativas mitológicas no imaginário do erotismo gótico In: ARAUJO, Denise A; CONTRERAS, Malena S (Org). **Teorias da imagem e do imaginário.** Salvador: Compós, 2014. p. 177-194. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/teorias\\_da\\_imagem\\_e\\_do\\_imaginario.pdf](http://www.compos.org.br/data/teorias_da_imagem_e_do_imaginario.pdf)> Acesso em: 18/04/2015.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 32, abril. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3416/2679>> Acesso em: 18/07/2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Antonio de Pádua Dias; FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Crítica Literária ou Cultural? Caminhos críticos da literatura de temática gay. **Crítica Cultural**. Palhoça, SC, v. 6, n. 1, jan/jul, 2011. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica\\_Cultural/article/view/729](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/729)> Acesso em: 20/08/2013.

SILVA, Juremir. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SIMONIS, A. Silencio a gritos: discurso e imágenes del lesbianismo em la literatura. In: SIMONIS, A. **Cultura, homosexualid y homofobia**. Barcelona: Editorial Laertes, 2007.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. **Literatura e homoerotismo: uma introdução**. São Paulo: Scortecci, 2002.

